

IMPRENSA E POLÍTICA: ALGUMAS REFLEXÕES ACERCA DA INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA *

Francisco das Neves Alves **

Nunca é demais lembrar ao povo os fatos culminantes de sua vida política, que hão de um dia figurar em todas as suas minudências, no grande livro da História Pátria. É preciso citá-los, esmerilhá-los e neles insistir, até que, perfeitamente conhecidos, possam ser devidamente avaliados e a verdade brilhe inteira e cintilante como os raios do sol num lago de cristal. Silenciar, consentir que livremente se deslizem na corrente impura e caudalosa dos interesses vis, quantas mentiras e sofismas os especuladores políticos agitam, é sancionar as perversas intenções dos que vivem na Pátria e se comprazem em cavar-lhe a ruína.

Jornal *Echo do Sul*. Rio Grande, 9 nov. 1895.

RESUMO: Após a vitória sobre uma série de preconceitos que a desqualificavam por seu grau de engajamento, a imprensa ganhou espaço e consolidou definitivamente seu *status* de fonte histórica. Nas pesquisas vinculadas à história política, o jornalismo avulta em importância, uma vez que ao contrário da maioria dos documentos oficiais, em geral lacônicos quanto às disputas políticas, nos jornais, o debate político-partidário encontra o seu meio natural de sobrevivência. Este trabalho pretende abordar um microcosmo deste universo de relações entre a imprensa e a política. Num primeiro momento são destacados, de modo introdutório, alguns dos pressupostos teóricos que compõem o jogo de inter-relações entre o jornalismo e a vida política, posteriormente, na forma de um estudo de caso, se realiza uma incursão a um exemplo prático daquelas inter-relações, utilizando-se de algumas das construções entabuladas pela imprensa diária da cidade do Rio Grande.

PALAVRAS-CHAVE: Imprensa do Século XIX – História Política – Rio Grande

* Este trabalho representa um fragmento da palestra apresentada no I Colóquio sobre História, realizado na cidade de Pelotas e promovido pelo Núcleo de Documentação Histórica do Departamento de História e Antropologia da Universidade Federal de Pelotas.

** Professor do Departamento de Biblioteconomia e História da Fundação Universidade Federal do Rio Grande. Doutor em História do Brasil pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. e-mail: fna@mikrus.com.br.

Ao constituir-se num elemento essencial do desenvolvimento da maior parte das sociedades contemporâneas, tendo sua ação voltada aos mais amplos setores que caracterizaram e caracterizam estas mesmas sociedades, a imprensa ganhou de forma crescente – e hoje já totalmente consolidada – o *status* de “fonte histórica”, estando, portanto, à disposição dos pesquisadores para, a partir dos jornais, analisar vários dos elementos constitutivos que marcam a existência humana, sejam eles o social, o político, o econômico, o ideológico, o religioso, o cultural, entre outros. No que tange à história política, a qual vem sendo revitalizada nas últimas décadas, o jornalismo consiste em uma fonte ímpar, deixando transparecer, de modo menos ou mais velado/aberto as ações, as alianças, os conchavos, os desmandos, as disputas, as críticas e as idiossincrasias que demarcam a vida política de uma dada comunidade.

Este trabalho pretende abordar um microcosmo deste universo de relações entre a imprensa e a política. Num primeiro momento são destacados, de modo introdutório, alguns dos pressupostos básicos que compõem o jogo de inter-relações entre o jornalismo e a vida política, com destaque para os fundamentos conceituais, para os elementos extradiscursivos e para as formações discursivas. Posteriormente, na forma de um estudo de caso, se realiza uma brevíssima incursão a um exemplo prático daquelas inter-relações, utilizando-se de algumas das construções entabuladas pela imprensa diária da cidade do Rio Grande, ao longo das duas últimas décadas do Período Imperial, chamando atenção para os conflitos discursivos empreendidos por estas folhas. Com este breve estudo se pretende prestar uma contribuição, ainda que pequena, para futuros trabalhos que venham a desenvolver análises junto ao jornalismo acerca da história política.

Imprensa e história política

Até há não muito tempo, a abordagem da história política encontrava-se em pleno desuso e os pesquisadores que se dedicavam a este tipo de enfoque eram vistos com certo preconceito. Considerados verdadeiros “dinossauros”, fadados à extinção, estes historiadores foram acusados de estarem promovendo um estudo histórico que não tinha mais espaço, de acordo com certas vertentes historiográficas, não estando, portanto,

seguindo os ditames teórico-metodológicos da moda. Em grande parte, este desdém para com a história política adveio da errônea premissa que a história política estava inexoravelmente ligada à história denominada de factual, episódica ou dos acontecimentos, construindo-se – a partir de uma errônea confusão – praticamente uma “palavra final” ou ainda uma “verdade absoluta” quanto à condenação da abordagem política na história. Esta confusão demarca um erro crasso, pois, mesmo que a história factual esteja estreitamente ligada ao político, a história política não precisa ser (e muitas vezes não o foi, e não o é) episódica.

O exílio da história política deveu-se também às tentativas no sentido de abandonar os fenômenos por ela abordados, os quais nem sempre são lineares, representando por vezes rupturas as quais em muitos momentos não são fáceis de explicar, criando obstáculos aos modelos pré-estabelecidos e considerados imutáveis nas interpretações históricas. Este descarte sofrido revela também os limites impostos à história por algumas tendências reducionistas, elegendo um fator, seja o econômico, o social, ou o próprio político, como apanágio único e exclusivo de toda a construção histórica de uma determinada época. Além destas, o que muitas vezes prevaleceu foram certos modismos na história os quais chegavam ao Brasil com a defasagem de algumas décadas. No entanto, desde o final dos anos cinqüenta e se afirmando ao longo dos decênios seguintes, no continente europeu, elo irradiador de diversas correntes historiográficas, a história política passou por verdadeiro renascimento, num movimento que chegaria bem mais tarde no contexto brasileiro. Surgia então um novo espaço para a história política, agora renovada pelo constante contato multidisciplinar com outras áreas do conhecimento humano, pelas inovações no campo teórico-metodológico e pelos vários e diferenciados enfoques e objetos de análise¹.

¹ A respeito do processo de desvalorização e posterior renovação da história política observar: JULLIARD, Jacques. A política. In: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre (dir.). *História: novas abordagens*. 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. p. 180-96.; DOSSÊ, François. *A história em migalhas: dos Annales à Nova História*. São Paulo: Ensaio, Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992. p. 225-30. DOSSÊ, François. A mania da fragmentação. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 6 ago. 1995. p. 12.; RÉMOND, René. Uma história presente. Do político. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 13-36 e 441-450.; TÉTART, Philippe. *Pequena história*

Nos casos de estudos envolvendo a história política o papel da imprensa avulta em importância, tendo em vista o caráter em geral lacônico que caracteriza muitos dos documentos oficiais no que tange às disputas e aos confrontos de natureza político-partidária. Nos jornais, ao contrário, estes conflitos encontram seu espaço de propagação, chegando o jornalismo a servir como elo de ligação ou agente de combate entre diferentes tendências político-ideológicas. Neste sentido, podem ser identificadas várias formas de utilização documentária da imprensa para as interpretações de natureza política, servindo o jornalismo como fonte de documentação geral – sobre os fatos e a opinião pública –, como fonte de documentação sobre os grupos e categorias sociais, e como fonte sobre a própria imprensa, estudando-se os jornais no seu conteúdo, na sua difusão, dependência e atuação junto aos grupos de pressão².

Ainda assim, por décadas, a imprensa sofreu graves preconceitos quanto ao seu conteúdo histórico, por ser considerada uma fonte “tendenciosa”. Esta desconfiança foi gradualmente sendo vencida, notadamente a partir da ampliação do raio de ação do historiador quanto a suas fontes, que não apenas as oficiais. Este processo ocorreu tendo em vista que não é de hoje que “a história mudou a sua posição acerca do documento: ela considera como sua tarefa primordial, não interpretá-lo, não determinar se diz a verdade nem qual é seu valor expressivo”, e “sim trabalhá-lo no interior e elaborá-lo – ela organiza, recorta, distribui, ordena e reparte em níveis, estabelece séries, distingue o que é pertinente do que não é, identifica elementos, define unidades, descreve relações”³. Foi nesta linha, que a imprensa passou a ser utilizada de maneira cada vez mais constante como importante manancial de informações históricas⁴, vencendo-se gradualmente o preconceito, até pelo fato

dos historiadores. Bauru, EDUSC, 2000. p. 125-31.; e GÉRTZ, René. História política. *Logos – Revista de Divulgação Científica*. Ano 11. Nº. 1. Canoas: ULBRA, 1999. p. 13-23.

² DUVERGER, Maurice. *Ciência política: teoria e método*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p. 88-92.

³ FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 4.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 7.

⁴ Sobre a importância atribuída à imprensa como fonte histórica ver: CAMARGO, Ana Maria de Almeida. A imprensa periódica como fonte para a História do Brasil. In: *Anais do V Simpósio Nacional de Professores Universitários de História*. São

de que, num grau maior ou menor, toda a fonte apresenta algum tipo de tendência.

Nesta linha, ainda que a imprensa se constitua numa significativa fonte histórica, o historiador não deve perder, em nenhum momento de sua análise, a noção de que está trabalhando com um documento que apresenta os fenômenos históricos de acordo com as perspectivas daqueles que o produziram, ou seja, deve encarar o jornal como um verdadeiro instrumento que reestrutura a realidade⁵. Deste modo, as próprias tendências, distorções, distinções e/ou omissões marcantes nos pronunciamentos de grande parte dos jornais também se constituem em elementos para a análise histórica, uma vez que demonstram as formas pelas quais os responsáveis pelos periódicos buscam estruturar (ou desestruturar) os acontecimentos de uma dada realidade, atuando assim na elaboração de uma construção discursiva. Assim, ao atuar como meio de comunicação, informação e divulgação/emissão de opinião, os jornais exerceram uma ação no sentido de construir um discurso.

O discurso pode ser definido como uma prática “resultante de um conjunto de determinações reguladas em um momento dado por um feixe complexo de relações com outras práticas, discursivas e não-discursivas”⁶, orientadas por um processo histórico. Nesta linha, o discurso tende a constituir-se num elemento que reflete as diversas características de uma sociedade, uma vez que, pela sua própria existência, ele “marca a possibilidade de uma

Paulo: FFCH/USP, 1971. v. 2. p. 225-32.; MELO, José Marques de. *Estudos de jornalismo comparado*. São Paulo: Pioneira, 1972. p. 31-4.; e CAPELATO, Maria Helena R. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto, EDUSP, 1988. p. 20-6.

⁵ Neste sentido, observar: MORIN, Violette. *Aplicação de um método de análise da imprensa*. São Paulo: USP, 1970. p. 7-8.; ROBIN, Régine. *História e lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1977. p. 63.; GLÉNISSON, Jean. *Iniciação aos estudos históricos*. São Paulo: DIFEL, 1977. p. 177.; RODRIGUES, José Honório. *Teoria da História do Brasil*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1978, p. 198. e BARBOSA, Marialva. *Jornalismo e história: um olhar e duas temporalidades*. In: NEVES, Maria Lúcia B. P. das & MOREL, Marco (orgs.). *História e imprensa*. Rio de Janeiro: IFCH/UERJ, 1998. p. 87-8.

⁶ ROBIN, Régine et alii. *Discurso e ideologia: bases para uma pesquisa*. In: ORLANDI, Eni P. (org.). *Gestos da leitura da história no discurso*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994. p. 82.

desestruturação-reestruturação” de “redes de memória” e “trajetos sociais”⁷. A historicidade do discurso se consolida à medida em que ele “se produz em condições determinadas e projeta-se no ‘futuro’”, bem como “porque cria tradição, passado, e influencia novos acontecimentos”. A partir deste contexto ficam demarcadas as construções discursivas entabuladas pelos jornais, já que “o discurso jornalístico toma parte no processo histórico de seleção dos acontecimentos que serão recordados no futuro” e, além disto, “uma vez que ao selecionar está engendrando e fixando sentido para estes acontecimentos, a imprensa acaba por constituir no discurso um modo (possível) de recordação do passado”⁸.

O estudo destas construções discursivas é fundamental, uma vez que “a redação de textos de imprensa é uma comunicação complexa tanto em sua preparação quanto em sua função”⁹. Torna-se, assim, necessário, na análise dos jornais, “relacionar texto e contexto”, buscando-se “os nexos entre as idéias contidas nos discursos, as formas pelas quais elas se exprimem e o conjunto de determinações extratextuais que presidem a produção, a circulação e o consumo dos discursos”¹⁰. Trata-se, portanto, da necessidade da busca da “dimensão da exterioridade”¹¹ do discurso jornalístico, colocando-se “em evidência o problema das condições de produção como quadro de informação prévio e necessário a uma observação interna de cada realidade discursiva”¹². Neste sentido, é fundamental o conhecimento das “condições históricas para que apareça um objeto de discurso”, ou seja, das “condições históricas

⁷ PÊCHEAUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990. p. 56.

⁸ MARIANI, Bethania S.C. Os primórdios da imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói memória). In: ORLANDI, Eni P (org.). *Discurso fundador (a formação do país e a construção da identidade nacional)*. Campinas: Pontes, 1993. p. 33.

⁹ MOIRAND, Sophie. Situação da escrita, imprensa escrita e pedagogia. In: GALVES, Charlotte et alii. *O texto: escrita e leitura*. Campinas: Pontes, 1988. p. 95.

¹⁰ CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. História e análise de textos. In: CARDOSO, C.F. & VAINFAS, R. (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 378.

¹¹ FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987. p. 354.

¹² OSAKABE, Haqira. *Argumentação e discurso político*. São Paulo: Kairós, 1979. p. 46.

para que dele se possa ‘dizer alguma coisa’ e para que dele várias pessoas possam dizer coisas diferentes”¹³.

Esta relação do discurso com a sua “exterioridade” é marcada “pelo interdiscurso e seu modo de funcionamento (o pré-construído) que atesta, por seu lado, a presença no inter (o já-dito) no intradiscurso, sendo este a seqüência que se está efetivamente realizando (formulando)”¹⁴. Este processo se dá em dois sentidos de inter-relação pois, assim como os fatores exteriores interferem na construção do discurso, este, por sua vez, “tem diferentes funções que agem de volta sobre as condições de produção”¹⁵. Nesta conjuntura, o estudo dos jornais permite a identificação de diferentes padrões editoriais, posturas políticas e/ou ideológicas e modos de pronunciar-se diante dos acontecimentos, de modo que cada um deles vem a desenvolver “um certo número de enunciados” e “semelhante sistema de dispersão”, podendo-se definir uma regularidade entre “os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas”, constituindo-se, assim, uma “formação discursiva”¹⁶. Nestas condições, “o próprio de toda formação discursiva é dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva como tal”, esta objetividade “reside no fato de que ‘algo fala’ sempre antes, em outro lugar e independentemente, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas”¹⁷.

Ao abordarem os assuntos de natureza político-partidária, os jornais empreendem construções discursivas que estão intimamente vinculadas à luta pelo poder, uma vez que a política consiste num dos lugares onde o discurso exerce, “de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes”, pois “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que e pelo que se luta, o poder do qual

¹³ FOUCAULT. 1995. p. 51.

¹⁴ ORLANDI, Eni P. *Terra à vista – discurso do confronto: Velho e Novo Mundo*. São Paulo: Cortez, 1990. p. 43.

¹⁵ ROBIN, Régine et alii. p. 95.

¹⁶ FOUCAULT. 1995. p. 43.

¹⁷ PÊCHEAUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1988. p. 162.

nos queremos apoderar”¹⁸. Neste sentido, o objetivo do discurso político “é vencer a luta através do jogo da desconstrução e reconstrução de significados, interpelando através da construção articulada de uma visão de mundo”, refletindo-se assim, por meio das palavras, as idéias e atitudes. Deste modo, o discurso político está intimamente relacionado “com o caráter de luta que a construção desse tipo de discurso envolve”, num quadro em que esta “luta é o jogo do significado, é o jogo da construção do antagonismo”, ou seja, “cada discurso busca construir a sua visão de mundo em oposição à visão de mundo do inimigo” e este antagonismo passa a se construir “pelo esvaziamento do significado do discurso do outro”¹⁹.

De acordo com esta perspectiva, no que tange ao discurso jornalístico de natureza política, um dos elementos que se destaca é exatamente aquele ligado à construção de confrontos discursivos. Assim, os constantes enfrentamentos entre os diversos periódicos (típicos, por exemplo, do Brasil do século XIX) traduziam a formação de um “conflito discursivo” expresso nas páginas dos jornais, ou seja, a existência de “dois contextos discursivos antagônicos”, no qual “os interlocutores se constituem como dois lugares sociais com igual poder de palavra, mas adversários”, de maneira que estes dois contextos “se remetem a discursos em algum sentido em conflito e, nessas circunstâncias, a relação enunciativa se desenvolve como uma luta pela hegemonia de um deles”²⁰. Tomando-se por base o estudo dos jornais diários que circulavam na cidade do Rio Grande, nas décadas de sessenta a oitenta do século XIX é possível demonstrar algumas características destes conflitos discursivos.

¹⁸ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996. p. 9-10.

¹⁹ PINTO, Céli Regina J. A sociedade e seus discursos. In: *Com a palavra o senhor Presidente José Sarney*. São Paulo: Hucitec, 1989. p. 51-2 e 55.

²⁰ MARTINS, Eleni J. *Enunciação & diálogo*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1990. p. 180-1.

Teoria e prática na pesquisa da história política através da imprensa – o conflito discursivo: brevíssima incursão exemplificativa

O conflito discursivo expresso junto às práticas jornalísticas representa um jogo de influências que os jornais pretendiam executar em relação ao seu público leitor, uma vez que, “por meio do discurso” se “encerra várias espécies de idéias”²¹, já que a palavra favorece a estruturação de um pensamento, “na medida em que, projetada em conteúdo, ela própria é uma pequena estrutura”²². Nesta linha, o mais importante significado do discurso político emitido através da imprensa está ligado ao poder de convencimento de parte dos jornais para com os seus leitores, ou seja, a “*eficácia dos discursos*” está na “sua aptidão em suscitar a adesão de um conjunto de sujeitos”²³. É neste sentido que uma das formas de se compreender o discurso político pode estar centrada na premissa de que ele se constitui na “história da passagem do poder próprio ao poder razoável”²⁴.

Durante o século XIX, a imprensa escrita constituiu-se na mais importante forma de comunicação e expressão de modos de agir e pensar. Inaugurada a experiência no início daquela centúria, no caso do Brasil, o jornalismo iria se propagar através do território nacional indo atingir desde as grandes aglomerações populacionais até as mais longínquas e pouco povoadas localidades. As maiores cidades brasileiras constituíram-se então, por meio dos jornais, em verdadeiros pólos irradiadores de notícias, opiniões, cultura e idéias. Na conjuntura sul-rio-grandense, as comunidades mais importantes do período tiveram nas práticas jornalísticas um significativo referencial de progresso e uma das marcas registradas de que os bafejos da “civilização” caracterizavam-nas. Neste caso esteve inserida a cidade do Rio Grande, “porta de entrada” da Província através da qual fluíam produtos e pessoas das mais variadas origens, bem como os mais diversos ideais políticos que marcaram

²¹ JOUVENEL, Bertrand de. *As origens do Estado Moderno: uma história das idéias políticas no século XIX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 23.

²² BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 151.

²³ MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, Ed. da UNICAMP, 1989. p. 117.

²⁴ BOLLÈME, Genevière. *O povo por escrito*. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 49.

a vida regional e nacional de então.

Neste sentido, a análise de um dos segmentos deste jornalismo rio-grandino constituiu-se numa importante referência para uma melhor compreensão histórica do discurso político emitido pelo conjunto da imprensa brasileira da época. Ou seja, o estudo deste microcosmo discursivo permite o entendimento do universo que envolve a história política gaúcha e brasileira e as maneiras pelas quais a imprensa apresentou a estas através de suas diversas formações discursivas. O discurso político-partidário tendeu a um revigorar a partir do final da década de 1860 até a mudança na forma de governo e, no jornalismo, iria transparecer claramente o incremento nas fricções e fissuras intra-partidárias entre as duas principais agremiações de então. Nos jornais diários rio-grandinos que circulavam no período – *Diário do Rio Grande*, *O Commercial*, *Artista* e *Echo do Sul* –, através de diferenciadas estratégias discursivas, as disputas entre liberais e conservadores se fez presente, estabelecendo-se verdadeiro conflito discursivo entre as folhas representantes de um e outro ideal partidário.

O jornal *Diário do Rio Grande*, criado em 1848, constituiu-se numa das mais significativas publicações da Província/Estado sul-rio-grandense, aparecendo como uma das primeiras folhas gaúchas de periodicidade diária que conseguiu garantir uma circulação regular por um longo período de sobrevivência. Sua longevidade chegou a permitir-lhe auto-proclamar-se como o decano da imprensa do Rio Grande, tendo circulado até o ano de 1910. Durante a sua existência, o *Diário* esteve ao lado das duas agremiações partidárias que predominaram na vida política do Brasil Imperial, defendendo as idéias conservadoras desde a sua criação até 1877 e atuando em prol do Partido Liberal entre 1878 e 1889, quando, com o advento da República, após um período de indefinição editorial, começou a desencadear-se o processo que levaria ao encerramento de sua publicação.

O *Commercial*, criado em 1857, por sua vez, foi um periódico diário que se caracterizou por dedicar-se mais diretamente à divulgação das informações de caráter mercantil. No entanto, a partir da inversão partidária de 1868, o jornal se apresentaria como um dos arautos do pensamento e das práticas do partido da ordem o qual promoveria, segundo a concepção daquele, o engrandecimento do país progressivamente, dentro das normas

constitucionais, sem precisar apelar para atitudes que colocassem em risco a integridade das instituições nacionais, como era no caso da conduta dos inimigos liberais, “revolucionários” e “subversivos” por natureza, de acordo com a opinião do jornal. Posteriormente, o periódico tendeu a suavizar seu discurso político, colocando-se numa posição de doutrinário ou ainda de neutralidade, adotando uma postura apolítica, porém, a partir dos anos oitenta, retomaria a discussão em prol da agremiação conservadora. O desequilíbrio entre os interesses comerciais e a veemência na exposição das idéias político-partidárias foi um dos elementos mais importantes para determinar a decadência do *Commercial* durante a década de oitenta, levando ao seu desaparecimento nesta época.

Já o *Artista*, ainda à época de sua criação como um semanário (1862) manifestava alguns dos elementos que denotavam seu vínculo partidário, voltado ao ideário dos liberais, e, a partir da sua afirmação como periódico diário, a filiação ao Partido Liberal tornou-se cada vez mais enfática. Ao buscar consistir-se em verdadeiro doutrinário liberal, o periódico rio-grandino, notadamente nos momentos eleitorais ou de inversões partidárias, organizava seus pronunciamentos político-partidários de forma sistemática e até didática, no objetivo de um melhor convencimento do público para com a sua construção discursiva. Com a República, o jornal sofreria uma ruptura em sua linha editorial, de modo que seu discurso político teve de passar por um processo de adaptação, resultando em condutas que variaram de uma certa neutralidade até uma fase de completa indefinição editorial. Apesar de breves períodos de recuperação, a folha já deixava transparecer uma crise que levaria ao seu desaparecimento em 1912.

O *Echo do Sul* constituiu-se numa das mais longevas publicações sul-rio-grandenses, tendo durado de 1858 a 1934. As idéias e propostas expressas pelo jornal durante este largo período de circulação foram de significativa importância no contexto gaúcho, mormente na zona sul da Província/Estado, convivendo a folha com marcantes momentos da evolução histórico-política do Rio Grande do Sul. Desde os seus primeiros tempos, o jornal filiou-se à causa do Partido Conservador, vinculação que se tornou ainda mais direta a partir da década de oitenta, quando o jornal transformou-se num “órgão partidário”. Como uma publicação destinada à sustentação dos conservadores e à oposição aos liberais a folha moldou sua

construção discursiva de acordo com as necessidades do jogo político-partidário do Período Imperial, de modo que a mudança na forma de governo representaria um rompimento nesta edificação, a qual teve de ser ajustada às novas circunstâncias de então. Contrário ao sistema castilhistaborgista, o periódico manteve o espírito oposicionista mesmo após o encerramento da Revolução Federalista. Somente a partir do final da primeira década do século XX, o diário rio-grandino promoveria uma mudança em sua conduta editorial, no intento de adaptar-se à nova fase na qual adentrara o jornalismo, através da proposta de manter-se como uma publicação “independente” de vínculos partidários, buscando garantir, assim, a sua sobrevivência, a qual se estenderia até a década de 1930.

Síntese das construções discursivas emitidas pelos jornais *Diário do Rio Grande*, *Artista* e *Echo do Sul*, a respeito das inversões partidárias (1868-1889)

Inversão partidária	<i>Diário do Rio Grande</i>	<i>Artista</i>	<i>Echo do Sul</i>
1868	APOIO: jamais se desenhara situação tão fagueira, como a da elevação do Partido Conservador ao poder.	*	APOIO: o novo ministério significava a garantia da prosperidade e do engrandecimento do país, que fora arremessado pelos liberais à beira do abismo. O Partido Conservador era o único capaz de salvar o Brasil na emergência em que se achava, tendo subido ao poder com a confiança da nação e da Coroa, para promover uma administração com base na moderação, nos princípios de rigorosa justiça, no respeito aos direitos de todos os cidadãos e na economia do dinheiro público.

Inversão partidária	<i>Diário do Rio Grande</i>	<i>Artista</i>	<i>Echo do Sul</i>
1878	APOIO (acompanhando a virada política que a folha realizara): medida oportuna, sensata, patriótica, honesta, reparadora, era um acerto feliz e providencial, representando uma evolução hábil, conveniente, salutar, moralizadora e de grandes benefícios sociais.	APOIO: o novo ministério formado de patriotas, amigos sinceros do país e de caracteres distintos, incapazes de enganar a alguém, chegara ao poder por ser o legítimo representante das idéias do Partido Liberal, as quais estavam acolidas e consagradas pela opinião pública; permitindo uma recuperação com relação à crise financeira, administrativa e governamental criada pelo decênio conservador e possibilitando o renascimento da esperança na consciência pública.	CRÍTICA: chamando os liberais ao poder, o Imperador prejudicava o país e violava o sistema que regia o mesmo. Os conservadores desciam como dignos cidadãos, de cabeça erguida, sem deixar uma só mácula no programa que se impusera, inspirado nas necessidades do partido e da nação. A nova situação era fraquíssima, trazendo em si o germe da desmoralização, pois nascera morta, constituindo-se o novo gabinete na sua certidão de óbito.
1885	"NEUTRALIDADE" (período no qual a folha buscava sustentar uma posição de suavização discursiva): jornal sem vínculos partidários, não sentia a queda dos liberais nem	CRÍTICA: a administração conservadora seria transitória e efêmera, tendo em vista que as idéias e o programa político dos conservadores não conseguiriam se adaptar a uma etapa histórica	APOIO: com a situação conservadora, uma nova época abria-se aos destinos do país, atrofiado pela política desorganizadora dos liberais. Novos e dilatados horizontes atendiam às aspirações nacionais que ambicionavam a ascensão do Partido Conservador, como uma necessidade pública. A ascensão conservadora era o

Inversão partidária	<i>Diário do Rio Grande</i>	<i>Artista</i>	<i>Echo do Sul</i>
	regozijava-se pela ascensão conservadora, ficando indiferente a quem governasse, desde que bem governasse.	"evolucionária" pela qual o país estaria passando, de modo que todas as reformas exigidas pela sociedade brasileira só poderiam ser obtidas a partir da permanência dos liberais no poder e não com os retrógrados e reacionários membros do Partido Conservador.	único meio de por fim à situação verdadeiramente anormal pela qual passava o país.
1889	APOIO: o país livrava-se do ministério conservador que de forma tão desagradável assinalara o seu período administrativo; a nova administração era entregue a homens de reputação feita e com um nome a zelar.	APOIO: a ascensão liberal era a boa nova, ansiosamente esperada, tendo em vista uma administração conservadora que fora amplamente prejudicial aos interesses do país, num triste espetáculo de desmoralização e desordem; ao assumir o poder, numa época de profunda crise, o Partido Liberal dava grande demonstração de seu patriotismo; ficava inaugurada uma nova fase de moralidade, justiça e progresso com liberdade.	CRÍTICA: Ficavam fatalmente comprometidas as instituições, prejudicado o progresso e depauperado o Tesouro Nacional. O novo gabinete seria imensamente fraco devido às divisões do Partido Liberal, que não conseguira reunir seus homens de prestígio ou talento na composição do ministério, devendo gastar toda a sua habilidade para manter-se, diante do que seria violento ou nulo.

* A identificação da construção discursiva entabulada no período anterior a 1878 ficou inviabilizada pela falta de exemplares remanescentes.

Assim, em relação aos jornais diários, mesmo que o

conteúdo político-partidário fosse delimitado em termos cronológicos e de espaço editorial, o confronto discursivo entre os partidos se fez presente. Através do conflito discursivo, davam-se verdadeiras relações de oposição a respeito dos diferentes atores que atuavam no cenário político de então. Caso do *Diário do Rio Grande* no qual, apesar da constante precaução de manifestar uma suposta neutralidade, muitas vezes pragmática aos interesses da folha, o conflito discursivo entre liberais e conservadores se tornou manifesto, como exemplificado no seguinte quadro:

**Relações de oposição nas formações discursivas do jornal
Diário do Rio Grande entre 1868 e 1877 (fase conservadora) e
1877 e 1889 (fase liberal)**

FASE CONSERVADORA	
O ALIADO	O ADVERSÁRIO
<ul style="list-style-type: none"> • Argos vigilantes na guarda da tranqüilidade pública • partido que não cedia à ameaça de revolução, nem à grita inconsiderada de reforma • defensores da Constituição e da Monarquia 	<ul style="list-style-type: none"> • facção anárquica e turbulenta, detentora de tendências malélicas, antimonarquistas e revolucionárias, estando regida por doutrinas subversivas • partido que confundia a liberdade com a anarquia e que defendia a resistência armada, quando fora do poder
<ul style="list-style-type: none"> • partido formado por indivíduos que buscavam o progresso feito com placidez de espírito e segurança, cujas idéias de reformas não constituíam passos arriscados e sim em medidas tomadas a partir de um maduro exame de suas bases, das possibilidades nacionais, estudando-as para conhecer se poderiam ou não serem dadas com toda seguridade • obedeciam às leis do aperfeiçoamento lento e gradual da sociedade. 	<ul style="list-style-type: none"> • defensores de falsas teorias da liberdade, cujo único padrão político era negar as afirmativas dos conservadores, sendo oposicionistas por sistema e vivendo ao capricho de conveniências passageiras • opressores e anarquistas, quando governam, o poder não tem limite, já na oposição, o poder não tem direitos • queriam reformas que significariam a ruína do que existia, a perturbação do regime constitucional e o aniquilamento das tradições

FASE CONSERVADORA	
O ALIADO	O ADVERSÁRIO
<ul style="list-style-type: none">• consideravam as reformas como um melhoramento da legislação, um desenvolvimento das instituições e uma consolidação das garantias já consagradas• pelejavam com moderação e bravura pela imprensa e pela tribuna, únicos campos de combate que o partido reconhecia para a conquista do poder	<ul style="list-style-type: none">• agiam com base na injúria e na intriga e, em vez de combaterem as idéias, esgotavam sua atividade em impotentes desabaços de desgraçada raiva; utilizavam o insulto por argumento, a injúria por sistema, declamando por estilo e gritando por hábito
FASE LIBERAL	
O ALIADO	O ADVERSÁRIO
<ul style="list-style-type: none">• defensores de ideais adiantados, liberais e democráticos• elementos adiantados que se identificavam com o progresso das idéias da época e não consentiam que corresse desaproveitada a grandeza do Império de Santa Cruz• partido forte e numeroso que promovia a máxima prosperidade do Império	<ul style="list-style-type: none">• não tinham patriotismo, nem critério, eram inimigos da Pátria, esbanjadores dos cofres públicos, que reduziram o povo à miséria• ninguém fizera ainda maior mal ao Brasil do que o Partido Conservador
<ul style="list-style-type: none">• partido que estremece pela salvação da Pátria, reconhecendo a necessidade de modelar seus atos nas bases mais largas da opinião popular	<ul style="list-style-type: none">• não era um partido digno das simpatias da nação e das preferências do eleitorado patriota e independente

O *Commercial*, por sua vez, foi outro dos diários rio-grandinos que buscou propalar a idéia de que mantinha um comportamento apertado. Esta propalada “imparcialidade” esteve ligada ao grande interesse do jornal em manter a credibilidade de seus boletins comerciais, ainda assim, em suas manifestações de natureza partidária apareciam as relações de oposição, formulando-se a visão a respeito dos aliados e dos adversários, conforme exemplos do próximo quadro:

**Relações de oposição nas formações discursivas do jornal
O Commercial (conservador) entre 1868 e 1882**

O ALIADO	O ADVERSÁRIO
<ul style="list-style-type: none">• partido da ordem que combatia a anarquia• eram os portadores de idéias compatíveis com a prudência e a moderação, levando o país a seguir na sua marcha sempre progressiva, em direção a um alto ponto de prosperidade, sossego, melhoramentos materiais e importância• timoneiro prudente que guiava o Estado, livrando-o da guerra civil, da bancarrota e até da separação das partes preciosas que formavam o seu todo• queriam a liberdade plácida e tranqüila e não o despotismo, a república e a licença• representava a bandeira da moderação, o paladino das garantias do povo• massa compacta de homens sinceros, amigos de seu país que se reuniram para opor um dique à onda revolucionária que tem querido invadir o Brasil em nome da ambição e dos interesses particulares de alguns liberais	<ul style="list-style-type: none">• energúmenos que desejavam inocular excessos políticos num país embasado na sólida prática de uma liberdade regulada pelas leis• desejavam a anarquia, a ditadura e a república ensangüentada e descartada com todos os seus horrores• portadores de um caráter subversivo e revolucionário, deixando entrever violência, revoluções e sangue
<ul style="list-style-type: none">• não eram refratários e sim os verdadeiros liberais	<ul style="list-style-type: none">• composto de partes heterogêneas, apresentava um manto de arlequim para adornar o seu pretendido ídolo – a liberdade – e, para vencer, renega hoje o que havia dito ontem

O ALIADO	O ADVERSÁRIO
<ul style="list-style-type: none">• não pretendiam dominar pela força• jamais obrigariam os brasileiros a empunhar armas contra seus irmãos, querendo a liberdade sem derramamento de sangue	<ul style="list-style-type: none">• adeptos do arbítrio e da violência
<ul style="list-style-type: none">• levaram o país ao progresso e melhoramento moral• compunha-se de homens eminentes, com grandes serviços prestados ao país e de cuja escola política saíram os princípios sempre aplicados no progresso do Brasil• reunia em suas fileiras tudo quanto o Brasil possuía de mais ilustrado, benemérito e patriota	<ul style="list-style-type: none">• zangão que devorava o mel com tanto labor fabricado na colmeia governativa e, passando pelo poder, acabara com o progresso das finanças, deixando por herança a miséria e os embaraços• planta parasita que nascera e se sustentara da seiva da massa da nação
<ul style="list-style-type: none">• nunca consentira que o caráter de seus adversários fosse atado ao pelourinho da maledicência ou açotado pelo insulto, ou que fosse derramado o fel amargo da mentira sobre as reputações daqueles	<ul style="list-style-type: none">• combatia unicamente por vitupérios, inventando e propalando vícios e defeitos que não existiam

Apesar de uma identidade partidária mais declarada, o *Artista*, sempre fez questão de evidenciar sua filiação à prática de um jornalismo sério e doutrinário, argumentando que seguia os preceitos da escola liberal, inspirando-se em luminosas idéias tendentes à grandeza moral e política da Pátria e ressaltava o fato de que, mesmo liberal, não era órgão oficial de nenhum partido. Ao levar em frente sua missão doutrinária, o *Artista* também sustentou um conflito discursivo, sob o ponto de vista dos liberais, estruturando relações de oposição acerca dos partidos imperiais, dentre elas as seguintes:

Relações de oposição nas formações discursivas do jornal *Artista* (liberal) entre 1878 e 1889

O ALIADO	O ADVERSÁRIO
<ul style="list-style-type: none"> • defensores do progresso com moralidade e da liberdade que era o lema da bandeira liberal • levavam em frente a missão de empreender as grandes reformas nacionais, permitindo que o povo viesse a intervir na administração do país, assumindo a responsabilidade de seus destinos 	<ul style="list-style-type: none"> • embasados em princípios retrógrados, praticavam uma política rotineira e uma administração timorata • partido sem idéias, sem princípios, sem objetivo econômico e social, preso à rotina, não estava apto a administrar o país numa época de constante e ininterrupta evolução e desenvolvimento • mantinham uma idéia única e predominante de resistir a todas as aspirações nacionais, sob o lema da conservação própria
<ul style="list-style-type: none"> • verdadeiros patriotas, amigos sinceros de seu país • agremiação que tantos e tão assinalados serviços tem prestado ao país 	<ul style="list-style-type: none"> • mediocridades políticas que pouco ou nada faziam pelo país
<ul style="list-style-type: none"> • caracteres distintos, incapazes de enganar a alguém 	<ul style="list-style-type: none"> • convertiam o país num campo de insolentes explorações, cevando suas ambições e cobiça à custa do suor dos contribuintes • esbanjavam o dinheiro público em proveito dos apaniguados, não o aplicando nas necessidades da nação. • especuladores que prejudicavam as finanças nacionais e aviltavam os princípios da honestidade e da moralidade

Já o *Echo do Sul*, notadamente quando se tornou órgão partidário, também fez questão de colocar-se no grupo dos jornais sérios, explicando que a expressão e defesa de suas convicções respeitavam uma postura essencialmente doutrinária. Constituindo-se no mais atuante dos diários rio-grandinos quanto aos temas partidários e políticos, o *Echo* também apresentou diversas relações de oposição ao descrever a atuação dos partidos monárquicos,

como nesses exemplos citados no quadro que segue:

**Relações de oposição nas formações discursivas do jornal
Echo do Sul (conservador) entre 1868 e 1889**

O ALIADO	O ADVERSÁRIO
<ul style="list-style-type: none">• eram os propugnadores das doutrinas constitucionais, os amigos da ordem, a qual significava a liberdade coletiva• partido que queria e desejava ardentemente o progresso refletido da nação, o engrandecimento e a prosperidade do país, conservando as suas melhores instituições• realizadores das legítimas aspirações nacionais, aproveitando-se da experiência do passado	<ul style="list-style-type: none">• inimigos da ordem e sectários da anarquia• agrupamento sem disciplina espiritual que conspirava perpetuamente contra todos os princípios da ordem• pregoeiros da revolução, procuravam acender o facho das guerras civis, levando à ruína do país e à truição das famílias• falsos apóstolos da liberdade que procuravam na revolução um meio para mais depressa subir ao poder
<ul style="list-style-type: none">• a idéia conservadora não era sinônimo de regresso, nem emperramento, e sim, de reflexão, segurança, prudência, patriotismo e progresso pautado, sem entusiasmo louco, pretensioso e egoístico	<ul style="list-style-type: none">• sempre inquietos e exagerados, gastavam suas forças em declamar contra os conservadores, sem inspirar nenhuma confiança
<ul style="list-style-type: none">• eram os verdadeiros liberais, votando leis libérrimas que os liberais tinham deixado esquecidas nos arquivos• representavam os verdadeiros liberais brasileiros, pois, mesmo sendo alcunhado de partido retrógrado e estacionário, incompatível com o progresso, fora ele que dotara o país com diversas e importantíssimas reformas	<ul style="list-style-type: none">• eram excelentes <i>fazedores</i> de idéias, mas absolutamente incapazes de realizá-las• partido que não respeitava os próprios ideais, pois, sempre que no poder, esquecia o passado e adormecia nos colchões da indolência, promovendo a decepção e sendo abandonado por não entabular as suas tão decantadas reformas.• renegavam sua própria bandeira, pois seu programa não encerrava uma idéia que pretendessem realizar, e sim um meio de popularidade para subir ao poder,

mistificando a opinião pública	
O ALIADO	O ADVERSÁRIO
<ul style="list-style-type: none"> • homens da probidade, dignos cidadãos, de consciência pura, no poder, eram cidadãos honestos, políticos de sinceras crenças e partidários firmes e intransigentes nos princípios 	<ul style="list-style-type: none"> • sinecuras que desfalcavam o erário para satisfazer o número avultado dos famintos convivas que se grupavam à volta da lauta mesa do festim do orçamento
<ul style="list-style-type: none"> • não desciam ao terreno onde as paixões e os ódios se gladiavam, onde os caracteres se abstinham e os homens se amesquinavam, observando os preceitos impostos pela lealdade e pelo cavalheirismo, não fazendo do insulto arma de ataque e não procurando vencer pela virulência da palavra 	<ul style="list-style-type: none"> • a imprensa liberal convertera-se em buzina difamatória, cujas armas estavam ensopadas no fel, no veneno da injúria e da calúnia, com que tentavam abater os mais nobres caracteres

Este contexto de conflito discursivo, embasado na constante formulação de relações de oposição quanto a comportamentos, pensamentos e atitudes do que era o “nosso”, ou seja o aliado/partidário, em que contraposição ao que era o “outro”, o opositor/adversário, levou a que certas regularidades discursivas fossem plasmadas no conjunto dos pronunciamentos político-partidários dos jornais diários rio-grandinos, à época da Monarquia. Neste sentido, estas folhas buscaram empreender um processo de construção/desconstrução discursiva, respectivamente em relação a seus aliados e adversários. Enquanto intentavam defender a causa, promover o crédito, a confiança e o apoio às atitudes e às idéias do partido ao qual estavam vinculados, os periódicos tinham também por objetivo desacreditar e deslegitimar todos os atos e o pensamento da agremiação contrária às suas convicções.

Discutia-se e formulava-se, assim, diversos conceitos e designações acerca de conservadores e liberais, que se tornavam alvo de constantes recorrências nas construções discursivas das folhas rio-grandinas, dentre eles a oposição entre ordem e revolução, anarquia e moderação, reformas graduais e imediatas;

ou ainda a conferência de atributos, como probidade/desonestidade e competência/negligência na administração dos negócios públicos, práticas violentas e pacíficas; ou também de uma boa ou má conduta jornalística. Nestas regularidades discursivas, o núcleo comum concentrava-se na afirmação de que só o partido aliado – e jamais o adversário – teria os meios necessários para que Pátria (ou outras denominações como povo, nação, país), trilhasse o caminho do bem comum e do progresso.

Assim, através deste breve estudo de caso se pode observar algumas das características dos conflitos discursivos. Cada jornal, de acordo com as diversas conjunturas históricas e segundo as convicções e/ou conveniências de seus responsáveis, numa rede que envolve fatores extra, intra e interdiscursivos, estabeleceu suas próprias formações discursivas a respeito da realidade. Neste caso, a oposição entre o “sujeito” e o “outro” faz com que o “sujeito ‘funcione’, isto é, tome posição”, bem como “tome iniciativas pelas quais se torna ‘responsável’ como autor de seus atos”²⁵ e, a partir destes, busque o reconhecimento de suas práticas discursivas como merecedoras de crédito. Desta maneira, o poder de um discurso está estreitamente vinculado à “força mobilizadora que ele exerce, quer dizer, ao menos em parte, do grau em que ele é *reconhecido* por um grupo numeroso e poderoso que se reconhece nele e de que ele exprime os interesses”²⁶.

²⁵ PÊCHEAUX, 1988. p. 171.

²⁶ BORDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 1
83.

ABSTRACT: After overcoming the prejudices about its political commitment, press conquered its status as historical source. Journalism becomes important in researches on the political history, since it reflects the political controversies at the time, on the contrary of the objective, laconic official papers. This article approaches a microcosm in this universe of relations between press and politics. As an introduction, some theoretical aspects about the relations between journalism and political life are presented. Afterwards, an example of these relations is presented as a case study, by means of the discourse of the newspapers in Rio Grande city.

KEY-WORDS: Press of century 19th – Political history – Rio Grande.

